



Bruno de Moraes Cury
Organizador

Humanismo em cena

Comentários de filmes à luz do referencial teórico
da **Abordagem Centrada na Pessoa**

Volume 2

Brano de Moraes Cary
(Organizador)

HUMANISMO EM CENA:
Comentários de filmes à luz
do referencial teórico
da Abordagem Centrada na Pessoa

Volume 2

EDITORA CRV
Curitiba - Brasil
2012

Copyright © da Editora CRV Ltda.

Editor-chefe: Railson Moura

Diagramação e Capa: Editora CRV

Foto da Capa: Stock.XCHNG

Revisão: Os Autores

Conselho Editorial CRV:

Prof. Dr. Alcides de Silva Quinzilha Sousa (UNIR - RO)	Prof. Dr. Lourdes Helena da Silva (UTV)
Prof. Dr. Antônio Pereira Góes Júnior (UTRU)	Prof. Dr. Jesuís Poetola (UTPD)
Prof. Dr. Carmen Teresa Velanga (UNIR - RO)	Prof. Dr. Maria Lilia Imbríbio Sousa Colares (UNIR - RO)
Prof. Dr. Celso Conti (UFSCAR - SP)	Prof. Dr. Paulo Romualdo Fernandes (UNIFAI - MG)
Prof. Dr. Glória Fariñas León (Universidade de La Havana - Cuba)	Prof. Dr. Maria Cristina dos Santos Bezerra (UFS)
Prof. Dr. Francisco Carlos Duarte (PUC-PR)	Prof. Dr. Solange Egleusa Ximenes-Rocha (UFPA)
Prof. Dr. Guillermo Arias Bastón (Universidade de La Havana - Cuba)	Prof. Dr. Sydiane Santos (UEPG PR)
Prof. Dr. João Adalberto Camparo Júnior (FAP - SP)	Prof. Dr. Tadeu Oliver Gonçalves (UFPA)
Prof. Dr. Jailson Alves dos Santos (UFPRJ)	Prof. Dr. Tânia Sady Azevedo Brasileiro (UNIR - RO)
Prof. Dr. Leonel Severo Rocha (URJ)	

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H897
2.ed.

Humanismo em cena: comentários de filmes à luz do referencial teórico da abordagem centrada na pessoa – Volume 2 / organizador Bruno de Moraes Cury.
2.ed. - Curitiba, PR: CRV, 2012.

255p.
Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-8042-342-6

1. Cinema 2. Humanismo 3. Psicoterapia / Cury, Bruno de Moraes (org.)

12-1095. CDD: 150.19
CDU: 159.9

27.02.12 02.13.12

033426

2012

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da Editora CRV

Todos os direitos desta edição reservados pela:

Editora CRV

Tel.: (41) 3039-6418

www.editoracrv.com.br

E-mail: sac@editoracrv.com.br

SUMÁRIO

Apresentação	9
Prefácio	11
Esperto ao contrário. Poderoso ao contrário	13
<i>Estamira: Tudo que é imaginário tem, existe, é (documentário)</i> <i>Vera Lucia Pereira Alves</i>	
“99 não é 100!” - uma experiência de facilitação ao funcionamento pleno em meio ao aterro sanitário de Jardim Gramacho – Rio de Janeiro	21
<i>Lixo extraordinário (documentário)</i> <i>Adriana Raquel Negrão Duarte, Flaviane Michelly Tenório de Souza, Izaias Carlos de Mendonça Junior, Sandra Souza</i>	
“Antes de Partir” sob a ótica fenomenológico-existencial	31
<i>Antes de partir</i> <i>Geyse Gomes Alves, João Sobreira de Lira Neto, Nadja Alexandrino de Souza Pinheiro, Rafaella Magno de Andrade, Sandra Souza</i>	
“Escritores da Liberdade”: análise dos aspectos humanistas aplicados à educação	45
<i>Escritores da liberdade</i> <i>Ana Karolina Silva, Bárbara Câmara, Samara Jamila Silva, Sandra Souza</i>	
Um encontro entre o pensamento de Gandhi e o olhar existencial - humanista	57
<i>Gandhi</i> <i>Boaventura José de Souza de Neto, Kahyna Leite Brito, Maria José Nunes Gadelha, Viviane Martinho dos Santos, Sandra Souza</i>	
Uma história de autodescoberta à luz da abordagem centrada na pessoa	71
<i>Se enlouquecer, não se apaixone</i> <i>Synara Layana Rocha Barbosa</i>	
Terapia centrada na pessoa e momentos de movimento: uma compreensão a partir de “A Hora da Estrela”	79
<i>A hora da estrela</i> <i>Emanuel Meireles Vieira</i>	

Erano de Moraes Cury
(Organizador)

HUMANISMO EM CENA:
Comentários de filmes à luz
do referencial teórico
da Abordagem Centrada na Pessoa

Volume 2

EDITORA CRV
Curitiba - Brasil
2012

Copyright © da Editora CRV Ltda.

Editor-chefe: Railson Moura

Diagramação e Capa: Editora CRV

Foto da Capa: Stock.XCHNG

Revisão: Os Autores

Conselho Editorial CRV:

Prof. Dr. Anísio da Silva Quimozinha Sousa (UNIR - RO)
Prof. Dr. Antônio Pereira Gato Júnior (UTRU)
Prof. Dr. Carmen Teresa Velozza (UNIR - RO)
Prof. Dr. Celso Conti (UFSCAR - SP)
Prof. Dr. Glória Faziola León (Universidade de La Havana - Cuba)
Prof. Dr. Francisco Carlos Duarte (PUC-PR)
Prof. Dr. Guillermo Arias Beaton (Universidade de La Havana - Cuba)
Prof. Dr. João Adalberto Camparo Junior (FAP - SP)
Prof. Dr. Jailson Alves dos Santos (UFPA)
Prof. Dr. Leonel Severo Rocha (URJ)
Prof. Dr. Lourdes Helena da Silva (UTV)
Prof. Dr. Jessenia Poetola (UTPD)
Prof. Dr. Maria Lilia Imbribs Sousa Colares (UNIR - RO)
Prof. Dr. Paulo Romualdo Fernandes (UNIFAI - MG)
Prof. Dr. Maria Cristina dos Santos Bezerra (UFS)
Prof. Dr. Solange Helena Ximenes-Rocha (UFPA)
Prof. Dr. Sydney Santos (UEPG PR)
Prof. Dr. Tadeu Oliver Gonçalves (UFPA)
Prof. Dr. Tânia Sady Azevedo Brasileiro (UNIR - RO)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H897
2.ed.

Humanismo em cena: comentários de filmes à luz do referencial teórico da abordagem centrada na pessoa – Volume 2 / organizador Bruno de Moraes Cury.
- 2.ed. - Curitiba, PR: CRV, 2012.

255p.
Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-8042-342-6

1. Cinema 2. Humanismo 3. Psicoterapia / Cury, Bruno de Moraes (org.)

12-1095. CDD: 150.19
CDU: 159.9

27.02.12 02.13.12

033426

2012

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da Editora CRV

Todos os direitos desta edição reservados pela:

Editora CRV

Tel.: (41) 3039-6418

www.editoracrv.com.br

E-mail: sac@editoracrv.com.br



Estamira

Ficha Técnica

Título original: (Estamira)

Lançamento: 2006 (Brasil)

Direção: Marcos Prado

Atores: Estamira.

Duração: 115 min

Gênero: Documentário

Sinopse

Trabalhando há cerca de duas décadas em um aterro sanitário, situado em Jardim Gramacho, no Rio de Janeiro, Estamira Gomes de Sousa é uma mulher de 63 anos, que sofre de distúrbios mentais. O local recebe diariamente mais de oito mil toneladas de lixo da cidade do Rio de Janeiro, e é, também, sua moradia. Com seu discurso filosófico e poético, em meio a frases, muitas vezes, sem sentido, Estamira analisa questões de interesse global, fala também com uma lucidez impressionante e permite que o espectador possa repensar a loucura de cada um, inclusive a dela, moradora e sobrevivente de um lixão.

FONTE: <http://www.adorocinema.com/filmes/estamira/>

poderosos. A expertise e o poder residem em sua opinião na solidariedade, nas relações humanas verdadeiras: "O único condicional". Aqueles com quem convivia eram espertos, mas sem este condicional, por isto, "trocados", com significado diferente; o *trocadilho*.

Para Estamira, as relações foram quase que exclusivamente de adoocimento. O pai que se foi; a mãe que, nas palavras dela, não era "maluca e louca" como ela, pois era do "astral negativo" e "não positivo útil" como o seu; o avô que a assediava sexualmente; a prostituição, os homens que a traíram; os estúpidos. O "único condicional", a ajuda humana não veio. A exceção eram os amigos do lixo, quando ela diz que lá "dei sorte". Só ali parecia haver verdadeiras relações, em que podia confiar.

Ela não confiava em Deus que simbolizaria, a meu ver, todos os humanos, "quem fez Deus foi os homens". Para ela, todos os homens deveriam ser iguais e a "ordenação", a regra de convivência da solidariedade seria a única condição. Entretanto, há neste um "trocadilho", pois não é assim que sua vida foi. E com esta vida ela não concorda e diz que não mudará seu ser. Ela também não confiava em Deus, porque este como entidade superior, em sua criação, deveria tê-la protegido, o que não aconteceu.

Estamira nos fala de coisas que são importantes na atualidade: ecologia, consumo, conservação, devolução de remédios não utilizados, relações humanas solidárias, ajuda, ética, valores, trabalho não como sacrifício etc. Mas não tem com quem compartilhar estes valores, a não ser, ironicamente, conosco, os espectadores do documentário, que não podemos lhe dizer como dos sentimentos com suas palavras. Assim: a sua "depressão não tem cura, é imensa". A solidão de Estamira é a falta de quem a compreenda, portanto, se diz talentosamente deprimida.

Não há quem a ajude e ela já nem se permite mais receber ajuda, conforme ressalta a filha Matia Rita. Como é que ela pode confiar em alguém para ajudá-la? Os médicos? Estes são "copiadores", isto é, só escrevem, ou melhor, prescrevem benzodiazepínicos (segundo suas palavras) para mantê-la quieta: ela quer falar e não pode quando usa a medicação. Eles não a ouvem e marcam retornos que ela culatiza, sábia e ironicamente, cataram agendados para dali a longos quarenta dias: "A doutora passou remédio pra raiva" e ela fica decepcionada e com raiva da médica... "Conversinha pra cá e só copiam".

Estamira reconhece nesta ajuda o mercantilismo da indústria farmacêutica: "É a quadrilha do dupanço, para chegar aos homens e fazer eles quererem deus, são remédios dopantes". Não apenas os médicos são copiadores, mas também os que vão à escola: "Pôde não aprender na escola, só captam, aprender é com ocorrências". Para ela, a aprendizagem verdadeira é vivencial, a significativa, aquela apregoada pela psicologia humanista. Não apenas a aprendizagem, mas a vida verdadeira é a experiencial, a das "ocorrências".

Não é a toa que ainda se questione: "tem horas que pensa como son lúcido?"

E a ajuda, o cuidado, por exemplo, para com seu corpo? Corpo que me parece adoecido, "o controle remoto" que a faz arrotar e que "mexa com o emocional, para além da carne", talvez nunca tenha sido cuidado.

Ajuda dos filhos? Do filho que passa a ler a Bíblia quando ela diz não acreditar em Deus, provocando-lhe ainda mais raiva?

Qual sua única felicidade? É ter lugar para descansar no seu harão, "sagrada", desta modo. Estamira nos indica mais um ponto de saúde mental: além de um trabalho não-sacrificante, ter moradia. E como diz Carolina, a filha: Estamira "fala coisas que nos deixam balançada. No livão ela melhora muito".

Com moradia e trabalho, é Estamira feliz? Este é um dos raros momentos em que ela nomeia um sentimento, apenas nomeia a felicidade ou, então, a raiva quando lidava com traição, injustiça, hipocrisia. Ela não nos fala do que sente, mas indica seus sentimentos. Apenas quando alcoolizada é que verbaliza seu sentimento pelo amigo de João, "se não fosse casada me casaria [...] gosto dele".

Estamira parece não refletir sobre os sentimentos. Sente, mas como se não pudesse dizer "eu sinto", não pudesse fazer a tomada de consciência. Imagino que, se ela o fizesse, aí sim "enlouqueceria". Será que o "quadro psicótico de evolução crônica com discurso misto" referido pelo relatório médico que tem em mãos, não a poupa desta tomada de consciência? Não será esta sua maneira de se manter viva, de não "enlouquecer"? Não será esta sua forma de atenuação? Cresço que sim e por este caminho adentro nos meandros da teoria de Carl Rogers, a fim de que possa, por meio de alguns de seus princípios norteadores, mostrar uma compreensão psicológica sobre Estamira. Traço, assim, esta mira, sua mirada sobre o vivido de Estamira.

A tendência atualizante, segundo ROGERS (1977), é inerente ao organismo e a leva a desenvolver todas as suas potencialidades de forma a favorecer sua manutenção e seu enriquecimento, dirigindo-o no sentido da autonomia e da saúde. Estamira se atualiza, mantendo-se e enriquecendo seu vivido, sendo ali ao que não acredita ser certo, adequado. Todavia, ela também se atualiza reconhecendo de si" seus sentimentos, sua fragilidade. Sem a tomada de consciência deles, se torna forte, "sou ruim sem ser perversa, sentimento é o que guarda". É o que diz ao expressar a raiva pelas injustiças do mundo, mas não se apoia que sofre. A meu ver, Estamira se atualiza desta forma inconscientemente, não integrando sua fragilidade, porque está só, isolada, não tem com quem compartilhar suas ideias, pensamentos, sentimentos. Eraani, seu filho, que ela está sob domínio do demônio; Carolina, sua filha, até acha que ela é coisa importante, não a ouve, porém, ao invés disto, pede que Estamira a não expresse sua opinião. Os médicos? Estes, nem sequer a escutam.

Estamira está incongruente, porque as suas experiências e seu autoconceito estão em desacordo: experiencia uma fragilidade e se mostra forte, raivosa. Grande parte do que vive não pode ser verdadeiramente experienciado, passível de ser conscientizado, nem tampouco pode ser compartilhado. Estamira, incongruente, sofre de isolamento e de inautenticidade.

De acordo com VAN DEN BERG (1981) "se a solidão nunca ocorresse na existência humana, poder-se-ia admitir que os distúrbios psiquiátricos seriam desconhecidos, com exceção de algumas doenças causadas por defeitos anatômicos ou fisiológicos do cérebro" (p.105). Na mesma linha de compreensão de Van den Berg, Rogers, segundo SCHMID (2004) considera a natureza do ser humano como social: Não estamos em relacionamentos, como pessoas sozinhos relacionamentos.

Ainda conforme SCHMID (2004), relacionamentos inautênticos ou inexistentes desempenham o mesmo papel crucial, porque uma pessoa se torna e é os relacionamentos que tem. Uma pessoa se torna inautêntica se está alienada de si e dos outros. Uma pessoa severamente doente pode muito bem viver mais autenticamente, como nos parece ocorrer com Estamira, que não falsifica seu modo de ser, ela não é um *trocadilho*.

Deste modo, numa perspectiva da ACP, SCHMID, (2004) nos aponta que saúde psicológica é muito mais uma teoria da autenticidade do que um conceito de saúde. A autenticidade é um processo de equilíbrio entre individualidade e inter-relação. Ser uma pessoa é viver o processo de autenticidade. Viver autenticamente é ser capaz de manter o equilíbrio, ou melhor, de obter sempre uma nova síntese entre a tarefa substancial e a relacional da vida. É manter o equilíbrio no processo de realizar seus próprios valores e necessidades, sua individualidade, unicidade, enquanto ao mesmo tempo vive conjuntamente com os outros e com o mundo. Os outros... O mundo tão distante de Estamira...

A meu ver, aqui reside o ponto de inautenticidade, a incongruência e o adocicimento de Estamira. E, se assim a consideramos, precisaríamos ajudá-la. E esta ajuda se daria pelo estabelecimento de uma relação de confiança. Entretanto, se eu disse acima que ela não confia em ninguém e como agora confiaria em um profissional da psicologia? Penso que confiaria naquele que a abordasse de forma a que ela não se sentisse ameaçada; com atitudes de empatia, consideração e sendo ele próprio autêntico. Creio que este seria o relacionamento da saúde, contrastado nos relacionamentos adoecedores que ela tem. Como diz ROGERS: "Mesmo o indivíduo confuso, inarticulado ou bizarro, se percebe que o terapeuta está tentando entender seus significados, isto será de ajuda porque ele se encorajará a falar mais de si" (1967, p.105). Portanto, esta não é a ajuda do hospital psiquiátrico, da institucionalização, da internação pela qual passou. Não é, também, a que temos em maior número, infelizmente. O modelo biomédico, presença constante, mesmo com a Reforma Psiquiátrica, permite a Estamira apenas o estar "manicada", como relata a filha Carolina, que enfatiza o quanto ela foi infeliz na clínica. É com raiva que ela mesma relata este período. Com a mesma raiva que talvez também tenha de si por ter internado sua mãe. Ser mal estar era realmente muito grande, sua culpa enorme, sua dor incommensurável.

Como creio que estas atitudes facilitadoras, propostas por Rogers possam estar presentes em qualquer relacionamento - adotadas por qualquer pessoa, mesmo que sem formação em saúde mental, contudo, obrigórias aos profis-

humanistas – e possível que sua filha Maria Rita as tivesse para com
ela. E, ao final do filme, fico a pensar na doce expressão, talvez uma das únicas
vezes em que o semblante de Estamira está tranquilo, quando está ao lado desta
filha que foi retirada de seu convívio. Ao fundo a voz de Maria Rita diz: "*acho
que minha mãe conseguiria ter cuidado de mim*". A aceitação desta filha pelo
pai de ser de Estamira, creio que poderia ter-lhe sido uma alternativa de saúde
mental. Um bom relacionamento, destes que precisamos para ter lucidez, para
ter um concreto. Não esqueçamos que tudo aquilo que era concreto Estamira
considerava abstrato, inclusive eu. Pode ser que por isto dizia que "*Nunca
ninguém vai mudar meu ser*".

A nossa necessidade de mudar seu ser, só se dá se a considerássemos,
como ela mesma refere: *imprestável*. Estamira nos dá uma aula de saúde mental
ao refletir sobre "*a deficiência mental que considera inicialmente té-la, aquele
que é imprestável*", mas depois pensa "*que aquele com perturbação também
é imprestável, ah! Mas não é deficiente. Por que então não pode ficar pertur-
bado?*" Grande questão, para a qual ela parece ensejar uma resposta: "*o homem
não pode ser incivilizado, todos são iguais, mas não precisam fazer coisas
iguais. A igualdade é a ordenança*".

Segundo Estamira, depois de desencarnada ajudaria muito mais e, espero
que, talvez hoje já esteja nos ajudando a pensar no que pode ser saúde mental.

REFERÊNCIAS

ROGERS, Carl; GENDLIN, Eugene; KIESLER, D.J. and TRUAX, C.B. (Eds.). **The therapeutic relationship and its impact: A study of psychotherapy with schizophrenics**. Madison: University of Wisconsin Press, 1967.

ROGERS, Carl. & KINGET, G. **Psicoterapia e Relações Humanas**. Belo Horizonte: Intertivos, 1977.

SCHMID, Peter. Back to the Client. A phenomenological approach to the process of understanding and diagnosis. **Person-centered and experiential psychotherapies**, 3 (1), 36-51, 2004.

VAN DEN BERG. **O paciente psiquiátrico: esboço de psicopatologia fenomenológica**. São Paulo: Mestre Jou, 1981.